



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

Reterritorialização das Imagens de Vídeo Monitoramento – da Segurança às Reportagens do Telejornal ESTV 1ª Edição

Rafael Paes HENRIQUES¹
William de OLIVEIRA²

1 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, as câmeras de vídeo tornaram-se mais populares, permitindo que cinegrafistas amadores contribuíssem na produção de imagens para os telejornais. Não será feita aqui uma defesa corporativa da função do repórter cinematográfico como o único profissional capaz de produzir imagens em vídeo para o jornalismo. Entretanto, com o avanço das câmeras de vídeo, o público passou a participar da produção enviando conteúdo audiovisual para os programas jornalísticos de televisão, sempre subordinados ao crivo dos critérios de noticiabilidade feito pelos jornalistas.


Essa abertura para o jornalismo colaborativo, acrescenta o olhar do telespectador na cobertura dos fatos e acontecimentos.


No entanto, essa participação interfere no processo, no que se refere às técnicas ou modos de fazer jornalismo tradicional e na qualidade do produto. A iniciativa divide opiniões: para uns, é considerada uma inovação no modo de produzir informação; já para outros, seria a precarização da mídia, no que diz respeito ao uso desses materiais e à sua qualidade (FRAZÃO; BRASIL, 2013, p.114).

Analisaremos aqui os usos das imagens de videomonitoramento dentro do telejornal ESTV 1ª edição, para observar a qualidade das imagens usadas, relação das imagens com o conteúdo noticiado, que tipos de valores/notícias estão em destaque, qual a

¹ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação – em Comunicação e Territorialidades - POSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: rafaelpaesh@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação - em Comunicação e Territorialidades - POSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: wdeoliveira@gmail.com





relação quantitativa desses vídeos na comparação com os produtos feitos por profissionais, dentro do próprio programa.

A RETERRITORIZAÇÃO DAS IMAGENS GERADAS POR CÂMERAS DE VIDEOMONITORAMENTO


Os circuitos de observação estabelecem um território de produção de imagem. Cabe aqui uma reflexão conceitual, [...] “o território é sempre areal ou zonal e linear ou reticular, o território sendo feito de lugares que são interligados” (HAESBAERT, 2011, p.40). Nessa pesquisa não serão observados os aspectos da área física em que as invisíveis câmeras de videomonitoramento ficam instaladas por diversos pontos das cidades, tão onipresentes que já fazem parte do cotidiano da sociedade. Nossa observação será da experiência do território e para isso cabe também compreender o conceito de territorialidade, por se tratar da relação humana.


A comunicação se apropria de um novo dinamismo social para extrair conteúdo em busca de audiência. Os grupos de mídia buscam sempre a hegemonia da informação, lançam mão de imagens produzidas fora das empresas, sem ônus para as emissoras. Assumem posição no mercado como grandes produtores de conteúdo, usam os flagrantes como matéria prima agregando valor notícia como relevante destaque, uma vez que “todo indivíduo está preso a uma rede de comunicação, da mesma forma que todo grupo e toda a sociedade” (RAFFESTIN, 1983, p. 218). Com isso cabe refletir quanto à interpretação essas imagens produzidas pelas câmeras de videomonitoramento quando veiculadas nos telejornais, qual exatamente subjetivação esse conteúdo gera no espectador?

Para Raffestin, (1983, pp. 218-219), os meios de comunicação contribuem para uma homogeneização cultural, além de, dependendo da maneira como a mensagem é passada, poderem gerar pânico na população. O perigo na realidade reside na possibilidade, para aqueles que administram e controlam esses meios, de difundir informações cujo caráter chocante pode criar reflexos condicionados, esquemas de comportamento etc.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de uma amostra que comporá uma pesquisa mais ampla, foi escolhido aleatoriamente o mês de março de 2018 do telejornal ESTV 1º edição, composto de 27 edições, pois o programa não é exibido aos domingos. Dessas, 14 edições,





51,85%, traziam matérias com imagens de câmera de vigilância e em três edições, foram exibidos dois vídeos. A análise das peças foi realizada na plataforma virtual *GloboPlay*, uma vez que facilitaria a manipulação dos vídeos com a possibilidade de pausa, adiantar ou retroceder a peça jornalística, permitindo uma observação mais detalhada do material.

O telejornal ESTV 1ª edição tem, em média, 45 minutos de duração, incluindo aí os três intervalos comerciais com cerca de dois minutos cada, perfazendo um total de quatro bloco. Entra no ar de segunda a sábado às 12h e aborda temas variados. É o segundo telejornal do dia a ser exibido na TV Gazeta, afiliada da TV Globo.

Na pesquisa aqui apresentada verificou-se que em média as matérias, em que existiam imagens de câmeras de videomonitoramento, ocuparam cerca de um minuto, quando são notas cobertas.

Os vídeos foram categorizados conforme as incidências dos assuntos relacionados a inserção das imagens de câmera de videomonitoramento nas peças jornalísticas. Não foi observada nenhuma peça jornalística com imagens de câmeras de vigilância fora dessas categorias:

I. Trânsito (quando referidas a qualquer tipo de matéria ou nota coberta sobre o assunto, a exceção de monitoramento em tempo real, que ocorre nas passagens de bloco);

II. Assalto/Roubo (imagens gravadas por câmeras de segurança da ação no momento do acontecimento);

III. Furto (quando não há violência);

IV. Violência (imagens de agressões, não enquadradas como assalto ou furto);

V. Acontecimento Inusitado (fatos que só com muita sorte seriam gravados por um cinegrafista);

VI. Registros anteriores ou posteriores ao fato (não são flagrantes).

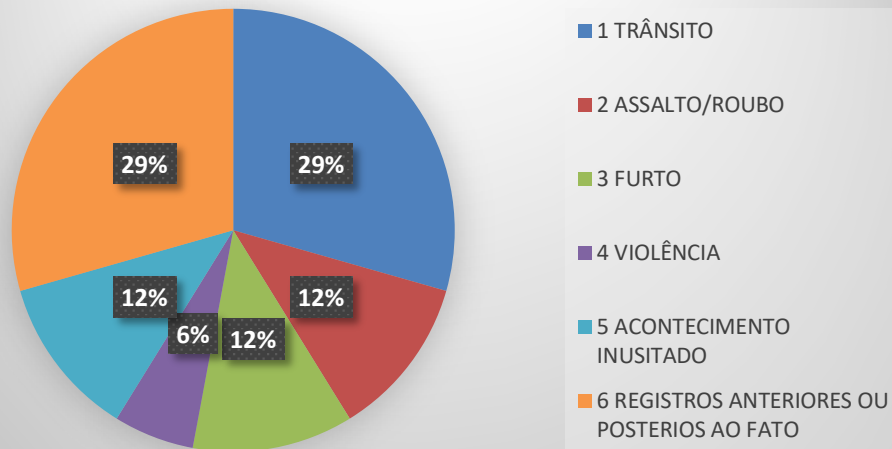
Abaixo tabela ilustrativa com a quantidade de vídeos que utilizaram as imagens de câmera de segurança distribuídas de acordo com cada categoria temática definida:

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Quantidades e categorias



QUANTIDADE DE INSERSÕES (17)



Fonte: Levantamento realizado para este artigo.

Fonte: Levantamento realizado para este artigo.

CRITÉRIOS

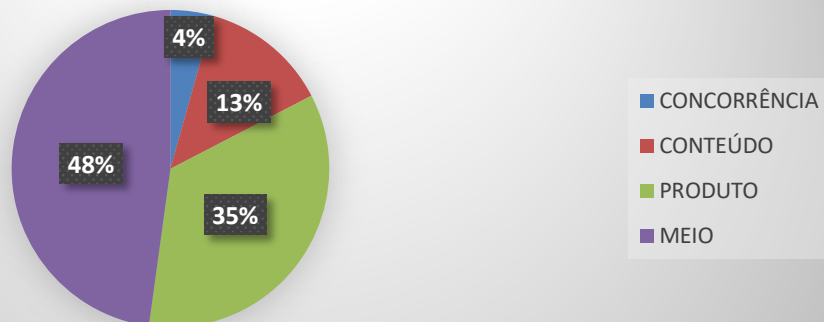
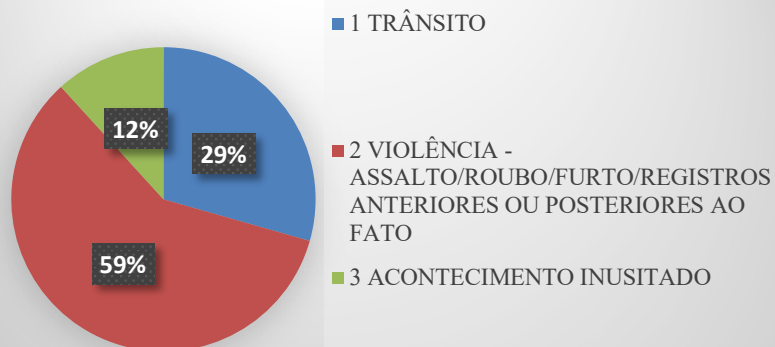



Tabela 3 – Outra classificação

QUANTIDADE DE INSERSÕES (17)



Fonte: Levantamento realizado para este artigo.



Já no primeiro dia do mês, uma nota coberta³ abre a análise das peças com imagens de câmera de videomonitoramento, em que uma mulher é baleada quando chegava ao trabalho em Vitória. Nas imagens, com quatro segundos de duração, não é possível ver com nitidez, um círculo vermelho é colocado para chamar a atenção do telespectador. O conteúdo tem baixa qualidade e, assistido em tempo real, é muito

4 CONCLUSÕES

Embora seja este estudo uma mostra que comporá uma análise mais ampla dentro de técnicas de amostragem que ampliem os resultados aqui apresentados, consideramos uma importante observação nos usos das imagens de videomonitoramento nos telejornais. Alguns dados geram surpresa, pois mesmo as imagens das câmeras de vigilância apresentem a violência como conteúdo principal das imagens veiculadas no telejornal, os flagrantes, que seriam, empiricamente, o destaque nesses produtos não se confirmaram.

Com relação a qualidade das imagens nota-se que existe ainda vídeos com baixa qualidade, sendo necessários recurso de edição para apoiar a informação, pois sem esse auxílio a peça apresentada poderia gerar uma dúvida quanto a importância do uso deste na composição das reportagens.

Por fim é preciso ressaltar que, embora aberto à participação que vem extra redação, sempre se faz necessário a mediação do jornalista na utilização das imagens de videomonitoramento, como sendo o organizador do conteúdo que será veiculado e o responsável pela notícia dentro dos critérios que norteiam o principal produto do jornalismo.

5 PALAVRAS-CHAVE - câmera de videomonitoramento; telejornalismo; reterritorialização das imagens de segurança; reportagem de televisão.

6 REFERÊNCIAS


ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. Imagens cedidas e a narrativa jornalística na TV: o telejornalismo apócrifo e a dupla performance. **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. São Luiz: 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRUNO, Fernanda. **Máquina de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto

³ Notícia de televisão em que as imagens são narradas pelo próprio apresentador (a). Nota do autor.





Alegre: Sauina, 2013.

MANOVICH, Lev. **O que é visualização?** Estudos de Jornalismo e Mídia – janeiro a junho – Vol.8 nº 1 – janeiro a junho de 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A., 1983.

FRAZÃO, S. M.; BRASIL, A. **A participação do telespectador na produção da notícia em telejornal:** transformação do processo noticioso e da rotina profissional. Brazilian Journalism Research, v. 9, n. 2, p. 112-129, 2013.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização** – Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística, uma comunidade Interpretativa internacional. Florianópolis: Insular, 2004.

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia:** os bastidores do telejornalismo. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2014.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa.** Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

